



José Carlos Rassier*

Educação *não* é INFORMAÇÃO

Aprender significa reter, acumular um aprendizado, o que difere basicamente de ter acesso a muitas informações e, inclusive, de não saber decodificá-las adequadamente. A sociedade da mídia, da informação instantânea, da rapidez das tecnologias de comunicação e informação avançou rapidamente no bojo da Revolução Tecnológica e Científica, mas as escolas, espaço público onde a educação se pratica, não acompanhou a celeridade das transformações, o que nos leva a afirmar que temos razoáveis escolas originárias da Revolução Industrial e poucas da era contemporânea.

Esse hiato entre duas épocas e tempos com ritmos diferenciados tem sido objeto de estudo de vários especialistas com tendências filosóficas e políticas distintas. John Naisbit, em seu livro *Megatendências*, advertiu sobre o fato de que os Estados Unidos poderiam se tornar líderes na produção de informações, matéria-prima valiosa na era do conhecimento e lenta em promover as transformações que o sistema de ensino e educação requer para se adaptar à mudança de paradigma.

No início da era moderna, os iluministas vislumbravam, através do conhecimento, a possibilidade de os homens desvendarem, de forma científica, o mundo em que viviam, podendo se tornar sujeitos portadores de saberes. Ter conhecimento equivalia a desmistificar o mundo antigo, em que determinadas explicações sobre os fenômenos não estavam baseadas em provas racionais. Ser indivíduo portador de conhecimento era o equivalente a tornar-se cidadão livre, autônomo e capaz de refletir sobre o mundo. Desde então, a sociedade

moderna nunca mais se dissociou da idealização da educação, entendida como forma de socializar os indivíduos no mundo da liberdade do saber.

As transformações econômicas e sociais advindas da Revolução Industrial e da economia de mercado ensinaram outra perspectiva para a educação, que deixou de ser tão somente a possibilidade de garantir o acesso dos homens às luzes do saber e da razão e passou também a educá-los para o mercado de trabalho e para as relações sociais de troca. Deste modo, do século XVIII ao XX, a educação foi se moldando às outras dimensões da vida, especialmente as de natureza social e econômica, e se constituindo como um dos fatores de produção.

Na atualidade brasileira, a dicotomia entre a nova e a velha educação é visível. Os contrastes se evidenciam no cotidiano escolar. Saudamos as escolas cujos alunos sabem ler e escrever razoavelmente, como se essa habilidade não fosse premissa indispensável que todos deveriam adquirir com a socialização educacional. Temos a oitava economia do mundo, ilhas de prosperidade e grandes bolsões de analfabetos funcionais, tecnológicos e de saberes humanizantes.

Como sociedade, ainda não fomos capazes de concluir o projeto da modernidade proposta à educação e já nos deparamos com os desafios da mudança de era, e não apenas de época, que nos remete para amplos e complexos desafios.

Podemos, de forma crítica, assinalar o espírito idealizador dos pensadores da modernidade, que vislumbravam na educação a emancipação plena dos homens, sem deixar de reconhecer que não

há liberdade plena na ignorância. É preciso assinalar também que devemos conjugar a questão educacional com o desenvolvimento de habilidades e de competências cognitivas.

Sabemos que existe uma enorme diferença entre conhecimento e informação. Eis que muitas pessoas têm acesso irrestrito, através das redes cibernéticas, a muitos dados, o que não significa que saibam lidar com eles em sua vida prática. O desejável é que os indivíduos adquiram não apenas o conhecimento formal e técnico, mas, igualmente, sejam capazes de, através da educação, se apropriarem de conhecimentos que lhes permitam adotar atitudes, comportamentos e competências para a vida.

Da mesma forma, os críticos dirão que essa posição reduz ainda mais o papel da educação, moldando-a como mera coadjuvante do mercado de trabalho, subordinada apenas e tão somente às relações de mercado. Para não ficar imune ao debate, deve-se reiterar que a modernidade e sua evolução histórica se dão no âmbito da centralidade dos homens e das condições sociais do trabalho. O dilema é este: como desenvolver um sistema educacional que permita a evolução no sentido mais amplo e seja capaz de preparar os indivíduos para o mundo real?

Talvez tenhamos que revalorizar, no sentido filosófico, os ensinamentos de alguns pensadores, para refletirmos de forma mais intensa. Para Kant, “o homem não

“Educação é aquilo que fica depois que você esquece o que a escola ensinou.”

Dirão os mais críticos que nessa afirmação reside um pouco da mesma utopia da modernidade, que vislumbrava na educação uma das maneiras de igualar os homens para a liberdade em sociedade. Nesse contexto, torna-se importante registrar o posicionamento da Comissão Europeia, que tratou da problemática entre ensinar e aprender, salientando os três grandes choques que impulsionam a era pós-moderna: o advento da sociedade da informação, da civilização técnica e científica e da globalização da economia. Destaque-se que “o desafio será promover uma educação de saberes que associe conhecimento humano e capacidade de aplicação de educação formal e técnica”.

é nada além daquilo que a educação faz dele”. Reconhece-se, dessa maneira, o impacto da educação para a vida. Paulo Freire, por sua vez, traz uma dimensão mais ampla sobre a problemática educacional, ao destacar que “a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda”. A conjugação das duas reflexões é uma boa porta de entrada para o debate e para continuarmos a afirmar a máxima de Einstein: “Educação é aquilo que fica depois que você esquece o que a escola ensinou.” ■

*Sociólogo e mestre em Gestão Pública

www.portalegp.adm.br